



Uma constelação chamada Flaubert

Marisa Midori Deaecto

Dictionnaire Flaubert, sob a direção de Gisèle Séginger,
Paris, Champion Classiques, 2017, 1.771 pp.

É

possível cartografar o universo de um escritor?

Primeiro, deve-se observar neste universo suas múltiplas constelações de escritos, sob a forma manuscrita ou impressa; mas também alcançar os projetos inacabados, os desejos não realizados e as esperanças perdidas. O universo se torna ainda mais amplo quando se atinge aquele *chez moi* intelectual que todo escritor ou artista guarda a sete chaves, o que nos permitiria, talvez, perscrutar suas leituras, as impressões de viagem, seu *parti pris* estético, político, enfim, as escolhas mais ou menos refletidas que redesenhariam seus traços e suas idiossincrasias. Não nos esqueçamos tampouco do meio familiar e do círculo de amigos do escritor; de seus críticos e de seus leitores; no mais, a constelação de personagens reais e imaginários que conformam e dão substância a esse universo.

A partir desse ponto de vista, somos convidados a imaginar o *Dictionnaire Flaubert*

como um tipo de plano celeste, a partir do qual os investigadores tentam cartografar as constelações, os planetas, as estrelas novas, os satélites, mas também os espaços que mal acabaram de ser explorados do universo do escritor. De acordo com a organizadora desse belo projeto, Gisèle Séginger, cada verbete apresenta

“[...] de um lado, as informações de base e uma bibliografia; de outro, novas abordagens – tudo sem perder o caráter sintético das informações. Ele pontua as pesquisas atuais ao registrar os resultados mais recentes e as novas orientações da crítica. Outrossim, acentua partes do *corpus* flaubertiano menos estudadas do que outras (obras da juventude, teatro). Algumas notícias longas acentuam questões mais importantes e se apoiam em pesquisas mais recentes nos domínios me-

MARISA MIDORI DEAECTO é professora do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP e autora de *O império dos livros* (Edusp).

nos explorados (música, pintura, ciências naturais, por exemplo)” (p. 8).

Para além de sua importância referencial, o volume evidencia toda uma nova geração de pesquisadores cujos estudos testemunham o movimento vivo e potente do universo flaubertiano. Deve-se, inclusive, realçar o caráter multidisciplinar e internacional da equipe de autores.

O historiador do livro será particularmente sensível às notícias que concernem à biblioteca e à bibliomania, entre outras, onde o livro e as coleções têm um papel particular. É o que vemos em *Madame Bovary* e *Bouvard et Pécuchet*.

A biblioteca se apresenta em diferentes dimensões: biblioteca particular, biblioteca de estudos e biblioteca literária, imaginária, ou “virtual”, como a descreve Séginger. A primeira faz referência à biblioteca “real” reconstituída pelo Centre Flaubert de Rouen e se compõe de diferentes fontes: 1) os livros anteriores a 1880, conservados na prefeitura da cidade de Canteleu, provenientes da biblioteca de Caroline Franklin Grout; 2) o inventário *post mortem* do autor, realizado pelo notário Bidaul (às vezes impreciso ou equivocado); 3) os catálogos de duas vendas do espólio de Franklin Grout, em 1931, realizados em Antibes e no hotel Drouot, de Paris; 4) os livros dedicados a Flaubert, ulteriormente vendidos, sendo que a sua reconstituição continua em curso.

A biblioteca de estudos do autor conforma um momento precioso de seu processo de criação literária. “A biblioteca se encontra no centro da criação e sempre virtualmente no coração dos livros concluídos” (p. 185), como o demonstra a crítica genética de seus escritos. Por seu turno, a

biblioteca imaginária ou virtual se articula com as duas outras no registro literário. A presença assídua do autor entre os livros lhe permite reconstruir os repertórios de obras e de leituras da época, as quais se convertem em personagens ativas em suas narrativas. É dessa maneira que os livros agem no espírito de Emma Bovary e, de modo diverso, naquilo que o autor chamará de “*jeu de massacre encyclopédique*” (“jogo de massacre enciclopédico”), em *Bouvard et Pécuchet*.

O tema da bibliomania atinge uma situação-limite em Flaubert: somos capazes de matar alguém por um livro? Recordemos que a loucura dos livros é uma problemática da modernidade. Não foi justamente essa loucura que pôs termo à biblioteca de Dom Quixote, quase inteiramente queimada por sua família? O conto “Bibliomanie” foi publicado pelo jovem Flaubert, em 1837, no jornal *Colibri*, em Rouen. Não parece por acaso que vemos surgir duas narrativas sobre a loucura relacionada aos livros no contexto de duas revoluções: a revolução de Gutenberg, que tornou possível a reprodução em série dos exemplares pela impressão tipográfica e, conseqüentemente, abriu caminho para a percepção do excesso de livros e de leituras; e a revolução industrial, que transformou a economia do livro a partir dos anos de 1830, quando a produção impressa atinge uma escala industrial e a massificação da leitura. Diante de uma miríade de volumes, é compreensível abrir mão da própria vida, ou matar alguém por um único exemplar? Eis aqui uma questão que a leitura de “Bibliomanie” sugere.

No final do volume, um índice de temas se apresenta a um só tempo como instrumento de pesquisa e objeto de reflexão.

Retomando a ideia do *Dictionnaire* como um plano celeste, podemos afirmar que este *index* fornece a medida das questões e o estado da arte dos conhecimentos acumulados sobre o universo flaubertiano até a atualidade. O material sugere, igualmente, que se o dicionário nos permite cartografar o universo do escritor, tanto quanto as representações e projeções que os investigadores fazem de Gustave Flaubert, devemos à fortuna flaubertiana a dimensão temporal de sua importância. Desse ponto de vista, é preciso distinguir ao menos dois tipos de registros que o *Dictionnaire* reúne: primeiramente, as edições estrangeiras dão conta de toda uma plêiade de tradutores, críticos e leitores que contribuíram para a difusão e a recepção de seus escritos nas quatro partes do mundo. Assim se apresentam, sob a chave “recepção”, as notícias das edições de Flaubert na Alemanha, Coreia, Espanha, Estados Unidos, Itália, Japão, Polônia, Reino Unido... e seria muito interessante ampliar esse quadro para outras partes não compreendidas no verbete, por exemplo, Portugal, Brasil e os países latino-americanos.

A fortuna crítica constitui outro ponto de clivagem que nos permite verificar a longevidade e a extensão da obra flaubertiana. Entre os leitores mais distintos, temos notícias de Michel Butor, Michel Foucault, Nathalie Sarraute, Eric Auerbach, Italo Calvino, Georges Perec, Walter Benjamin... Jean-Paul Sartre, que fez de Flaubert *l'idiot de la fa-*

mille, em “três volumes, mais de mil folhas, paginadas continuamente de 1 a 2.136. Impressionante” (p. 1.456), como escreve P. Champion no verbete. Para fugir do campo francês, aprendemos que Jorge Luis Borges apresenta, em 1932, uma das raras críticas sobre *Bouvard et Pécuchet*, na qual o autor de “A Biblioteca de Babel” se opõe à ideia então dominante de uma obra de ruptura. Segundo I. Daunais:

“Para Borges os dois copistas encarnam, por tudo o que os liga à linhagem dos bufões e dos bobos do rei, como àqueles de espírito simples aos quais Deus atribui mais sabedoria do que aos sábios, com suas formas particulares de saber – um saber cômico, delirante, fantástico, mas cujo dom é de tocar os próprios limites daquilo que pode ser conhecido” (p. 201).

Ao retomar a pergunta que abre esta recensão: como cartografar o universo de um escritor? – terminamos por concluir que ela se apoia sobre um terreno frágil. O universo é por definição imensurável e sua cartografia só pode se apresentar como uma representação imprecisa do infinito. Nesse sentido, não seria sem interesse uma notícia de Flaubert *par lui-même*. Em todo caso, os temas propostos pelo *Dictionnaire Flaubert* fazem jus a esse grande homem cercado de estrelas, sendo ele mesmo uma constelação. Talvez, uma Grande Ursa.